

O CENTRO DE ARARAQUARA NA DÉCADA DE 1950: LUGAR DE VIDA E DE MEMÓRIAS

Rui MATTIOLI

Graduado em Administração de Empresas - EAESP-FGV.
ruimattioli@hotmail.com

Resumo: Neste trabalho, a partir de minhas memórias, apresento uma visão de como era a vida na cidade de Araraquara/SP na década de 1950, focalizando o que motivava a movimentação de pessoas durante o dia e também no período noturno em um espaço que era conhecido como Centro e que abrange três quadras da Rua 3 (Rua São Bento), desde a avenida Espanha até a Avenida São Paulo, e cujas características desapareceram. Destaco lugares, pessoas e acontecimentos que marcaram minhas memórias e contribuíram para a construção de minha identidade.

Palavras-Chave: Centro de Araraquara/SP; Memórias: pessoas, lugares, acontecimentos.

Abstract: In this work, based on my memories, I present a vision of what life was like in the city of Araraquara/SP in the 1950, focusing on what motivated the movement of people during the day and also at night, in a space that was known as Centro and that covers three blocks of Rua 3 (Rua São Bento), from Avenida Espanha to Avenida São Paulo, and whose characteristics have disappeared. I highlight places, people and events that marked my memories and contributed to the construction of my identity.

Keywords: Downtown Araraquara/SP; Memories: people, places, events.

Introdução

Quem passa atualmente pela Rua 3 (Rua São Bento), no trecho entre as Avenidas Espanha e São Paulo, que no passado era chamado de Centro pelos frequentadores, não poderá jamais imaginar como era a vida por ali na época em que vim morar em Araraquara nos anos 1950. Não há mais teatro, clubes, cinemas, bares e até mesmo as agências bancárias ali instaladas desapareceram. E o mais importante: não há mais aquela movimentação de gente que fazia do Centro um ponto de encontro, de comunicação e convivência entre pessoas. O Centro era, de fato, o local de efervescência na vida de importante parcela da população araraquarense

Apesar da mudança na paisagem e também no modo de ser e estar naquele lugar, pensar naquele tempo é algo que me remete ao passado, às recordações...Viajo! E pelos caminhos da memória faço um tour pelos lugares que frequentei, revejo pessoas, fatos e acontecimentos. Refaço um percurso de vida e de relacionamentos que marcou minha existência e experiências como pessoa humana. Relembro momentos, lugares, pessoas, enfim histórias de um tempo crucial de minha vida e que permitiram tornar-me quem

sou hoje. Relembrar, como ensina Eclea Bosi (1994), é uma forma de reviver, reorganizar, refletir com as imagens que se tem do presente, as experiências vividas no passado.

Bergson (2006, p. 179 apud Coimbra, 2021, p. 62), por sua vez, diz que a memória é um fenômeno que responde pela reelaboração do passado no presente, “ela prolonga o passado no presente”, e “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é um dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida”. Ao se referir à lembrança, o autor esclarece:

A lembrança de uma sensação é coisa capaz de sugerir essa sensação, ou seja, de fazê-la renascer, fraca primeiro, mais forte em seguida, cada vez mais forte à medida que a atenção fixa mais nela. Mas a lembrança é diferente do estado que a sugere e é precisamente porque a sentimos por trás da sensação sugerida, como o hipnotizador por trás da alucinação provocada, que localizamos no passado por causa do que sentimos (Bergson, 2006, p. 51 apud Coimbra, 2021, p.62)

Neste texto, meu objetivo é resgatar parte de minhas memórias. Aos 82 anos, o que desejo é rever meu passado, um passado que marcou minhas lembranças, recordações e que contribuiu para a construção de quem sou hoje, minha identidade. Afinal, como aponta Le Goff (2008 apud Coimbra, 2021, p. 62-63), memória e identidade são dimensões humanas que não se separam. A identidade, individual ou coletiva “é construída a partir da memória, pois não só o próprio indivíduo se constrói valendo-se das memórias que o envolvem, mas ela é também a ferramenta utilizada para a manutenção e preservação do outro na lembrança daquele que rememora. É assim que os mortos continuam vivos na memória dos que ficam.

Minha família veio para Araraquara em novembro de 1950 e na época eu tinha 8 anos. Morávamos em São Paulo e a mudança se deu porque meu pai trabalhava na extinta Caixa Econômica Federal de São Paulo, e veio transferido para a filial que fora aqui inaugurada, em julho daquele ano. Araraquara, à época, era uma cidade de 80 mil habitantes, incluindo a população dos distritos: Américo Brasileiro, Santa Lúcia, Rincão, Bueno de Andrada, Gavião Peixoto e Motuca², sendo que o núcleo urbano abrigava 35 mil habitantes (Almeida, 1948, p. 58).

A cidade já era servida por duas ferrovias: Cia Paulista, que fazia a ligação com a capital, e Estrada de Ferro Araraquara, que fazia a ligação com o oeste paulista. Era uma cidade bonita, bem arborizada e as ruas e avenidas paralelas entre si: as ruas no sentido sul-norte e as avenidas no sentido leste-oeste. Tanto ruas como avenidas eram conhecidas pelos nomes e por números, sendo que o povo se referia às ruas pelos números e às avenidas pelos nomes, com exceção da avenida 36, atual Padre Francisco Sales Colturato. Essa é uma característica da cidade que persiste até os dias atuais, causando certo espanto e curiosidade em nossos visitantes.

² Hoje, somente Bueno de Andrada permanece como distrito de Araraquara. Os demais foram emancipados e se tornaram municípios autônomos.D).

Quando aqui cheguei em 1950, esse foi um cenário que também me chamou a atenção. Cresci ouvindo falar em nomes e números das ruas. Meu primeiro endereço foi: Rua 2 (Rua 9 de Julho) número 510, onde morei até setembro de 1954; depois fomos para a Rua Waldomiro Machado, 66, na Vila Furlan (esta rua já não obedece ao traçado quadriculado do núcleo original da cidade). Tornei-me um observador da vida na urbe. Quando atingi a idade de sair de casa, quando adquiri minha independência, como a mocidade da época, passei a frequentar o Centro, espaço de vivência e convivência, e onde tudo acontecia. Essa era a sensação e a percepção que tinha e que ficou muito forte em minha memória.

São, portanto, as memórias desse tempo que me proponho a apresentar neste trabalho. Memórias de uma Araraquara que não existe mais, mas que trago dentro de mim como um tempo bom e como parte do que sou hoje. Puxo os fios da memória para assim tecer e (re) tecer parte da história da cidade em um lugar determinado – o seu Centro – e em um tempo também determinado – a década de 1950 -. Procuro rememorar lugares, fatos e pessoas que ajudaram a construir essa história e sem as quais minhas memórias também não seriam possíveis. Neste ponto reafirmo o pensamento de Maurice Halbwachs (1877-1945) para quem a memória é coletiva. O autor esclarece que a memória é um fenômeno eminentemente coletivo, isto é, que se produz a partir das relações que mantemos com indivíduos e grupos. Para ele, precisamos do grupo para constituir nossa memória, mas, apesar de seu caráter coletivo, somente o indivíduo é capaz de lembrar, sendo o sujeito nada mais do que um instrumento das memórias do grupo. Nossas lembranças, como pondera Halbwachs (1990, p. 30)

permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos em objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem.

O centro de Araraquara na década de 1950: lugares, pessoas e acontecimentos

Como era aquele centro? O que acontecia em suas ruas e avenidas, nos cantos e recantos frequentados por pessoas que por lá permaneciam ou que estavam só de passagem?

Posso afirmar que o centro de Araraquara era, antes de mais nada, um espaço de vida. A movimentação de pessoas começava logo cedo com a entrada dos/as alunos/as do Colégio Estadual, instalado onde hoje (2024) é a Casa de Cultura de Araraquara, na Rua 3 (atual Rua São Bento). No período da manhã era a vez do pessoal dos cursos Magistério, Clássico e Científico. Também os/as alunos/as do curso Ginásial, cujas aulas eram oferecidas no período da tarde, vinham no período da manhã para aulas de Educação Física que aconteciam na quadra do Colégio. Era a única escola pública a oferecer curso Ginásial e Colegial, aos quais tinham acesso a juventude que gozava de

posição mais privilegiada na cidade. Para ingresso no curso Ginásial o candidato prestava um exame de admissão porque a quantidade de vagas era limitada. O nível do ensino era muito bom e uma parte dos alunos e alunas, ao concluir o curso Ginásial, iniciava a vida profissional e continuava os estudos em cursos noturnos.

No edifício que abrigava o Colégio Estadual instalou-se inicialmente o Araraquara College; em 1920 mudou para Colégio Mackenzie; em 1933 Ginásio Municipal e Ginásio Estadual em 1934. (Costa, 2015, p. 106). Atualmente em reforma, conforme mencionado, este prédio abriga a Casa de Cultura de Araraquara.

Figura 1 – Antigo Colégio Estadual de Araraquara



Fonte: <https://uedeeba2018.wixsite.com/uereeba2018/escola>

Na época, não havia muitos estabelecimentos comerciais na Rua 3 (São Bento): duas casas lotéricas, dois cafés (It e Municipal) quatro bares (do Hotel Municipal, Central, Tamoio e Pernambuco), duas bancas de jornais e revistas (Banca e Posto Telefônico do Rossi, no Cine Paratodos, e a Livraria São Bento), a charutaria do Chico e do Job, o salão de barbeiro e engraxate do Hotel Municipal. Havia também o escritório da Cia. Paulista de Força e Luz, da Associação Comercial e Industrial de Araraquara e a Prefeitura Municipal, que ficava ali nas Esplanada Santos Dumont ao lado do Colégio Estadual.

Figura 2 – Prédio antigo da Prefeitura Municipal



Fonte: COSTA (2015, p. 85)

Durante o dia as pessoas vinham ao Centro para atender a algum compromisso junto àqueles estabelecimentos, porém o que impactava na quantidade de pessoas circulando eram as agências bancárias. Os bancos eram em número bem superior ao que existe hoje: Caixa Econômica Federal de São Paulo, Caixa Econômica Estadual, Banco Arthur Scatena, Banespa, Banco Mercantil de São Paulo, Banco Bandeirantes do Comércio, Banco Moreira Salles, Banco de São Paulo, Banco Comercial do Estado de São Paulo, Banco do Comercio e Indústria, Banco Brasul, Bradesco, Banco Francês e Italiano, Banco Real, Banco do Brasil, Banco Auxiliar, Banco Federal de Crédito, Banco Paulista do Comércio.

Os meios de pagamento disponíveis eram o dinheiro ou cheque, não havia outros, por isso a quantidade de cheques emitidos era bastante volumosa. Os bancos estavam sempre cheios de clientes porque, para fazer um depósito ou descontar um cheque, tudo era feito presencialmente. Para descontar um cheque a pessoa o entregava para o funcionário do banco e recebia desse uma ficha numerada; depois o cheque passava internamente por vários serviços: conferência da assinatura do emitente, lançamento na ficha da conta corrente, conferência do lançamento, entrega ao guichê do caixa e finalmente o pagamento ao cliente. Era comum funcionários de estabelecimentos comerciais levarem cheques de vários bancos para descontar, então percorriam as agências deixando os cheques e recolhendo as fichas; depois voltavam para pegar o dinheiro correspondente aos cheques.

A movimentação de pessoas durante o dia favorecia a presença de vendedores ambulantes. Diferente de hoje, quando a informação, via Internet, circula em questão de segundos, os trens da estrada de ferro tinham papel fundamental no transporte de mercadorias, no trânsito de pessoas e de informações. Rodolpho Telarolli (1933-2001), importante historiador de Araraquara, destaca a importância dos trens nesse movimento:

Os jornais, que chegavam pelo trem, o mais esperado era o das 12:25 horas das segundas-feiras, quando chegava a Gazeta Esportiva com tudo sobre os jogos do campeonato paulista no domingo. Os meninos descalços, jornaleiros, pegavam do lado de fora do paredão o pacote que o agente Rossi lhes entregava e desciam a Avenida São Paulo na mais desabalada carreira para chegar primeiro à Rua 3, pois quem chegasse antes vendia mais. (Telarolli, 2003, p. 187)

Os jornaleiros, sem dúvida, exerciam esse importante papel, fazendo com que as notícias chegassem o mais rápido possível aos araraquarenses. Mas, além dos jornaleiros, havia também o Vavá que oferecia doces em canudinhos que ele trazia numa cesta de vime; o Nhola que vendia rifas de discos long-playing; o Baiano que trazia laranjas numa carrocinha e as descascava com uma maquininha; o Caires, que sempre trajava um jaleco branco, vendia doces e salgados que trazia num carrinho, e este tinha uma plataforma protegida por uma cúpula de vidro onde ficavam acomodadas as bandejas; as pessoas apontavam para aquilo que queriam, o Caires abria a cúpula, pegava o doce ou o salgado com uma pinça, colocava num saquinho e entregava ao interessado. E

havia também vendedores de bilhetes de loteria.

A maioria das pessoas vinha para o Centro a pé, e poucas de ônibus ou bicicleta. Até final dos anos 1950 a presença de veículos na cidade era mínima e as linhas de ônibus que eu me lembro eram duas: Parque Infantil-Estação e Refinadora Paulista, que ligava a Usina Tamoio à Estação passando pelo bairro do Carmo. Em 1958, na gestão do prefeito Romulo Lupo, a Prefeitura Municipal fundou a Cia. Troleibus Araraquara e o transporte público passou a ser feito com ônibus elétrico. Há alguns anos, início dos anos 2000, a Prefeitura aboliu esse serviço e adotou o ônibus a diesel. Todavia essa modalidade de transporte coletivo ficou em minha memória e na memória da população de Araraquara, que se recorda dos antigos ônibus elétricos com carinho.

No final da tarde, quando terminava o expediente da Prefeitura e os estabelecimentos comerciais encerravam o trabalho, diminuía a presença de pessoas na Rua 3 (Rua São Bento). Um pouco depois das 18h00 passava o acendedor de lampiões ligando a iluminação pública; e aqui cabe lembrar que antes da instalação de sensores que ligam as lâmpadas da iluminação pública esse serviço era feito por funcionários da Cia. Paulista de Força e Luz, que percorriam as ruas de bicicleta levando uma vara comprida e com ela acionavam as chaves para ligar a iluminação. Os postes eram ainda de madeira. No dia seguinte, por volta das 06h00 voltavam ao serviço, dessa vez para desligar as chaves.

Uma publicação de 1928, sob o título Monografia do Município de Araraquara, traz informações interessantes sobre a vida local naquela época. Dentre as matérias, uma destaca a inauguração da iluminação pública nesse espaço, que depois ficou conhecido como Centro, e o deslumbramento das pessoas que vinham passear por ali à noite para ver a beleza e os efeitos da iluminação elétrica. Sobre esta publicação, o professor e historiador Rodolpho Telarolli (2003, p. 176) assim se manifesta:

Publicações desse tipo, como a Monografia do Município de Araraquara, editada no ano de 1928 não eram incomuns no interior. Eram patrocinadas pelo poder municipal, com a finalidade de divulgar a cidade, e assim, ação de um ou mais políticos locais.

O período da noite era especialmente glamouroso, quando reinava no Centro o momento da descontração e da sociabilidade. Por volta das 19h00 começava o movimento de pessoas e esse movimento era bem maior do que durante o dia, além de ser diferente: durante o dia as pessoas vinham ao Centro para cumprir alguma obrigação, algum compromisso; à noite vinham em busca de diversão, contato humano, conversa, enfim convivência.

Nesse período cabe destacar importante serviço de alto-falante que dava início às suas transmissões às 19h00 com o programa *Araraquara repórter - a voz da esplanada*. A cabine de transmissão ficava na Avenida São Paulo ao lado da lotérica localizada na esquina da Rua 3, e os alto-falantes estavam instalados em postes ao longo da Esplanada das Rosas, jardim em frente à sede do Clube Araraquarense e do Teatro Municipal, local onde hoje encontra-se o prédio da Prefeitura Municipal de Araraquara e a Secretaria de Cultura.

Figura 3 – Teatro Municipal e Clube Araraquarense

Fonte: COSTA (2015, p. 93)

Era uma empresa privada cujo serviço consistia na veiculação de propaganda das lojas da cidade, notícias do dia, músicas, mensagens sociais (tipo: “fulano cumprimenta ciclano pelo aniversário”, “alguém oferece esta música para a moça que está de vestido amarelo”...). O serviço terminava às 23h00 e funcionava todos os dias.

Os cinemas eram também atrações importantes. Algumas pessoas vinham aos cinemas e os únicos existentes estavam ali no Centro: o Cine Paratodos, que foi o primeiro edifício construído para ser um cinema, ocupando o terreno onde anteriormente fora a sede do Clube Araraquarense; inaugurado em 1938 era chamado de Palácio encantado da cidade quando da sua inauguração. O outro cinema era o Cine Odeon; o edifício foi inaugurado em 1913 com o nome de *Polytheama Bijou Theatre* que depois foi rebatizado para Cine São Bento e depois para Odeon. Em 1955 esses dois cinemas foram reformados para que as projeções fossem sobre tela panorâmica e som estereofônico, e assim passaram a exibir filmes em CinemaScope, uma novidade adotada pelos estúdios de Hollywood. Nesse processo as cenas filmadas em profundidade de campo, ou com muitos personagens, produziam melhor interação com a plateia em termos de som e movimento. Em maio de 1960 aconteceu no Cine Odeon o I Festival de Cinema de Araraquara. Foi um evento organizado por José Roberto Oliveira Bueno, que na época cursava o colegial no Instituto de Educação Bento de Abreu (ex Colégio Estadual) e trabalhava com publicidade. O festival foi organizado para lançamento do filme *Santo Antônio e a Vaca*, importante produção cinematográfica, produzida nesta cidade sob a direção de Wallace Valentim Leal Rodrigues, cujo centenário se comemora este ano (2024). Nos anos 1960 o Paratodos e o Odeon receberam poltronas estofadas e foram rebatizados para Capri e Veneza, respectivamente. Hoje esses edifícios cumprem outras finalidades.²

² No Antigo Cine Veneza funciona hoje uma filial das Lojas Americanas e no Cine Capri uma Igreja Evangélica.

Outras pessoas vinham aos bares, pois os bares e cafés do Centro sempre foram locais de ajuntamento de pessoas para conversação. O bar do Hotel Municipal, ou Bar Municipal, era o mais antigo e o mais elitizado. Efetivamente o Bar Municipal, como destaca Rodolpho Telarolli (2003, p. 175)

[...] era o ponto de reunião da camada mais elevada economicamente, bem como dos principais participantes da cena política local e dos distritos. Também as autoridades e pessoas de prestígio que vinham à cidade, hospedando-se no Hotel Municipal, frequentavam o bar, já que havia uma comunicação interna entre os dois ambientes.

Os outros bares eram: o Bar Central, que ficava em frente da sede do Clube Araraquarense, e servia o melhor chope do Centro; o Bar Tamoio em frente ao Teatro Municipal e servia a melhor comida (peixes, carnes, feijoada); o Bar do Pernambuco (Bar e Café São Jorge) na Avenida Duque de Caxias, era simples, mas com um detalhe importante: tinha uma televisão e por meio dela assistíamos, nas segundas feiras, a um programa de entrevistas da TV Cultura, especialmente no período que precedeu ao golpe militar de 1964. Lembro-me de entrevista com José Serra, então presidente da UNE e Miguel Arraes, então Governador de Pernambuco; o Bar do Oguri que era imbatível no cachorro-quente; o Bar do Chafik, onde os frequentadores do Cine Odeon podiam comprar balas, chicletes, chocolates, etc.; o It Café que foi o primeiro da cidade a servir café feito em máquinas importadas da Itália; a Pizzaria Jaraguá, na sua primeira versão, um espaço estreito e comprido na Avenida Duque de Caxias, e que depois se instalou numa casa antiga na esquina da Avenida Portugal com Rua 2 (Rua 9 de Julho)³

O Teatro Municipal, construído originalmente no mesmo local onde está hoje a sede da Prefeitura Municipal, foi inaugurado em 1914 e demolido em 1964, na gestão do prefeito Romulo Lupo. Em seus 50 anos de existência foi usado para apresentações teatrais, musicais, óperas, conferências, exposições de fotografia. No Teatro também eram realizadas apresentações dos/as alunos/as do Conservatório Dramático e Musical e solenidades e bailes de formatura. O Teatro Municipal foi palco das apresentações do Teatro Experimental de Comédia de Araraquara (TECA), grupo de teatro amador que atuou em Araraquara de 1955 a 1962, tendo como diretor Wallace Leal Valentim Rodrigues. Nesse teatro, no dia 4 de setembro de 1960, Jean-Paul Sartre participou de um debate, quando se conversou sobre as questões políticas.⁴

Clubes havia dois: o Clube Araraquarense na Esplanada das Rosas e o Clube 22 de

³ Essa casa foi moradia do Tenente-coronel Joaquim Duarte Pinto Ferraz, chefe da seção local do Partido Conservador, Vereador e Presidente da Câmara em 1877/1880 e 1894/1896; era irmão da esposa do Coronel Antônio Joaquim de Carvalho, de quem divergia politicamente (FRANÇA, 1915).

O Coronel Antônio Joaquim de Carvalho foi um dos protagonistas do acontecimento ocorrido em Araraquara em 1897 e que resultou na morte do Coronel e no assassinato de Rosendo e Manoel de Brito.

⁴ A demolição do Teatro Municipal de Araraquara é considerada uma das principais perdas da cultura local. Embora tenha sido construído outro teatro em lugar privilegiado da cidade, bairro Fonte Luminosa, os araraquarenses ressentem muito a perda desse importante patrimônio da cidade. Também a presença de Sartre em Araraquara é marca distintiva na história da cidade.

Agosto localizado na Avenida Portugal entre as Rua 3 (São Bento) e 4 (Padre Duarte). A sede do Clube Araraquarense, frequentada pela elite da cidade, estava sempre aberta e tinha bar e restaurante para uso dos sócios; aos sábados e domingos à noite tinha dança. No Clube 22 de Agosto, fundado na primeira década do século XX pela Sociedade Italiana⁵, tinha dança aos sábados e domingos à noite. Aos domingos, após a missa das 10h00 na Matriz de São Bento, acontecia um “coquetel dançante” até as 13h00. Nessa época, a Igreja Matriz, inaugurada em 1891, conforme demonstrou Costa (2014, p. 64 e 67), estava em sua terceira versão.⁶ A Matriz de São Bento, ponto de partida para a formação do núcleo urbano de Araraquara, constituía também importante espaço do exercício da religiosidade e da sociabilidade em Araraquara.

O Centro era, sem dúvida, o espaço, onde a vida econômica, política e social da cidade acontecia. Se durante o dia eram as atividades da vida prática que traziam as pessoas para o lugar, à noite a maioria vinha ao Centro para se encontrar e conversar, especialmente nos dias em que havia o *footing*. Nos anos 1940, anota Telarolli (2003, p. 185):

[...] o movimentado *footing* das noites cálidas da rua 3 dos oitis enfileirados e das milhares de rosas de todas as cores, num clima de lirismo e romance igual ao das telas dos cinemas ali bem próximos; as filas intermináveis no São Bento e no Paratodos, quando o filme tinha no elenco Bete Davis, Humphrey Bogart, Ingrid Bergman; o Bar Tamoio em frente ao Teatro, o do Monteiro bem em frente ao imponente Clube Araraquarense...

O *footing* acontecia aos sábados, domingos, feriados e nas quartas-feiras quando tinha a novena na Igreja de Santa Cruz⁷. Esses eram os dias em que as moças vinham para o Centro e ficavam passeando, indo e vindo, na calçada da Esplanada das Rosas. Os rapazes ficavam no meio da rua e, nesses dias, o trânsito era impedido desde as 18h00 até as 23h00.

Quando era dia de *footing* as moças se recolhiam por volta das 22h00. Enquanto passeavam na calçada, indo e vindo, flertavam (era como se chamava a paquera naqueles dias) com os moços que estavam do calçamento da Rua 3. Quando o flerte dava bons frutos, ou seja, quando se estabelecia uma relação à distância entre uma moça e um moço, ela emitia sinais de que estava indo embora (seja por gestos, olhares, linguagem corporal, chamem do que quiserem, mas é certo que funcionava), sinais que ele captava e então se afastava do grupo onde estava e seguia a moça a uma certa

⁵ No final do século XIX e início do século XX, Araraquara recebeu importante número de imigrantes italianos, famílias numerosas que vieram para trabalhar nas lavouras cafeeiras. Algumas tendo se instalado na área urbana. Embora tenham também recebido imigrantes de outras nacionalidades: portugueses, espanhóis, japoneses, etc. os italianos constituíam a maioria e, assim como outros, tiveram considerável participação no desenvolvimento da cidade.

⁶ A Igreja Matriz de São Bento, desde a inauguração em 1891, passou por reformas em 1908 e 1956.

⁷ A Igreja de Santa Cruz, localizada na rua 3 (São Bento) junto com a Igreja Matriz de São Bento representavam, e representam ainda hoje, importante espaço de exercício da religiosidade e da sociabilidade em Araraquara.

distância e, quando o momento oportuno chegava, ele se apresentava e seguiam juntos trocando as primeiras frases que, conforme a empatia, podia prosperar e levar a um namoro. Inúmeros namoros e posteriores casamentos começaram dessa forma.

E assim, todas as noites nessas três quadras que formavam o Centro, grupos de pessoas distribuídos pelos bancos de jardim na Esplanada das Rosas e na Esplanada Santos Dumont, localizada defronte ao atual prédio da Câmara Municipal de Araraquara e Casa de Cultura, pelas portas dos bares, dos cinemas, dos cafés, pelas calçadas e até no calçamento da Rua 3, curtiam a companhia uns dos outros, falavam sobre o que acontecia na cidade, sobre política, sobre economia, sobre os fatos do dia, a situação do mundo, sobre futebol, sobre cinema, contavam piadas, histórias do passado, enfim conversavam sobre tudo e qualquer coisa.

Por volta das 23h00 os moços também encerravam as atividades no Centro. Alguns mais persistentes ainda ficavam conversando sobre temas mais filosóficos, sentados nos bancos das Esplanadas, vendo as portas dos cinemas e dos bares se fecharem e curtindo aquela brisa amena das noites de Araraquara. E no dia seguinte, tudo recomeçava. E nesse espaço pequeno e tão povoado o que acontecia ficava na lembrança das pessoas.

Nos meses de dezembro, a Casa Barbieri montava um presépio cheio de figuras, iluminação, música e movimento, e ficava sobre a marquise. Nesses dias o Centro dava uma alongada em direção à Rua 2 (Rua 9 de Julho, assim batizada em homenagem à Revolução Constitucionalista de 1932), porque esse presépio era uma atração que despertava o interesse da cidade toda.

O Centro, apesar de nele, sobretudo a noite, circularem as pessoas dos segmentos sociais mais privilegiados, era um espaço democrático. Para frequentá-lo não era necessário pagar mensalidade nem comprar ingresso.

Pereira Lima (Antônio Tavares Pereira Lima), engenheiro da Estrada de Ferro Araraquara, fundador da Associação Ferroviária de Esportes (AFE) e da Associação Desportiva Araraquara (ADA), dois dos mais tradicionais clubes de futebol desta cidade, e que foi Prefeito (PTB) no período 1952/1955, gostava de contar histórias e anedotas, era assíduo nos grupos de conversa do Centro; também vereadores vinham sempre ao Centro: Valdemar de Santi (PP), Flávio Ferraz de Carvalho (PSD), José Welington Pinto (PSD), Octávio de Arruda Camargo (UDN), Pedro Marão (PTB), Darci Morales (PSP) entre outros. E todo mundo era conhecido pelo nome ou apelido.

Juca Chaves conhecido compositor, músico e humorista, apelidado de Menestrel Maldito por Vinicius de Moraes, esteve em Araraquara no final dos anos cinquenta. Veio de carro, um carrinho esporte conversível de duas cores: vermelho e bege. Ele se apresentou no antigo Clube 27 de Outubro que ficava na Rua 2 em frente à Kibelanche (lanchonete que ficava onde hoje é parte do estacionamento do Shopping Lupo e anteriormente fora a Fábrica de Meias Lupo). Quando terminou a apresentação foi pegar o carro e algum espírito de porco tinha dobrado a antena até deixar a ponta virada para o chão. Juca ficou calado uns instantes e depois correu o dedo pela antena e disse: *“Esta é a curva da educação desta cidade”*. No dia seguinte, um domingo, eu o vi na varanda da casa do Dr. José Barbieri Neto, na avenida Espanha, cantando para a Maria Helena Barbieri.

Na década de 1950, o mundo viveu fortes emoções com o aumento das tensões provocadas pela guerra fria. Um assunto sempre presente do noticiário era o crescimento dos arsenais de armas nucleares. Testes com bomba atômica eram feitos pelos Estados Unidos, pela França, Inglaterra e União Soviética. Os jornais noticiavam os testes e publicavam, sempre, a foto da coluna de fumaça em forma de cogumelo que resultava das explosões. O cogumelo atômico era um ícone bastante conhecido.

Numa noite daquela época eu estava conversando com a *galera* em frente ao Cine Odeon quando surge, da avenida Espanha, um grupo de pessoas tendo à frente o cientista Frederico de Marco, famoso pelos testes de produção de chuva artificial e outras experiências.⁸ O grupo foi em direção à escadaria da atual Casa da Cultura (onde antes fora o Colégio Estadual), colocou uma lata dessas de 20 litros no chão em frente ao pedestal do Victor Lacorte⁹. Em seguida, Frederico de Marco despejou um líquido dentro da lata e tocou fogo. Houve uma explosão abafada e na sequência subiu uma coluna de fumaça em forma de cogumelo. Foi assim a explosão da “bomba atômica” em Araraquara, que não causou nenhum dano, apenas alguma satisfação do grupo que viu o espetáculo e aplaudiu com palmas.

Havia em Araraquara um sujeito que praticava halterofilismo, era atarracado, forte e usava óculos do tipo fundo de garrafa, era conhecido pelo apelido de Bastião Coreia. Um dia, na sessão de domingo do cine Odeon, o complemento era um documentário falando da presença das tropas americanas no sudeste da Ásia após o final da guerra entre as duas Coreias, e esses destacamentos militares eram chamados de bastiões. Na abertura do documentário, a tela panorâmica do Cine Odeon foi tomada pelo título “O Bastião da Coreia”. Gargalhada geral.

Em 1956 a Estrada de Ferro Araraquara substituiu as locomotivas a vapor, que queimavam lenha, por locomotivas a diesel, compradas nos Estados Unidos. Um engenheiro veio de lá para dar suporte ao pessoal da Estrada na fase de implantação desse projeto. Ele ficou hospedado no Hotel Municipal e nas noites ele costumava sair e dar uma volta pelo Centro e ficava um tempo sentado num dos bancos da Esplanada Santos Dumont defronte ao Cine Odeon. O Tula (Norberto Catanzaro Guimarães), que na ocasião tinha uns 14 anos, fez amizade com esse engenheiro e, enquanto ele permaneceu em Araraquara, o Tula ficava conversando com ele nos bancos da praça, e assim aproveitou para aprender a conversar em inglês, de graça.

Nos domingos de Carnaval tinha uma turma que ficava na porta do Bar Tamoio, e outra que ficava na porta do Bar Central. As duas turmas tinham um balde com água e pacotes de farinha. Quando algum conhecido deles passava no primeiro bar jogavam nele um balde d'água, e quando passava no segundo bar jogavam nele um monte de farinha.

⁸ Frederico de Marco foi um médico e cirurgião que atuou em Araraquara desde os anos 1910 e que aqui faleceu em 1960; além da medicina Frederico de Marco destacou-se como cientista nos experimentos de produção de chuva artificial.

⁹ Victor Lacorte, foi advogado e professor, sempre foi muito requisitado como orador; foi diretor da Sociedade Portuguesa de Beneficência. A Escola Estadual do Bairro do Carmo, em Araraquara, leva o seu nome.

E assim a vida seguia naqueles distantes, mas não tão distantes assim 1950. Uma noite eu estava ali no Centro e no Teatro Municipal estava acontecendo uma palestra sobre hipnotismo, e a turma resolveu assistir. Quando o professor terminou as explicações teóricas, convidou algumas pessoas para subirem ao palco para uma experiência prática. E fomos eu e o Marco Antônio Scabello. O professor colocou os voluntários em fila encostados na cortina do palco de frente para a plateia, e começou a movimentar um pêndulo e a falar com cada um dos voluntários procurando induzir a hipnose. Quando chegou a vez do Scabello ele não aguentou e começou a rir e o professor mandou-o para fora do palco aos berros "O senhor não está colaborando!". Eu não consegui ser hipnotizado mas aguentei firme até o final.

Talvez o momento que mais tenha me causado espanto e me deixado um pouco hipnotizado ocorreu em 1954. Ainda era estudante no Colégio Estadual. Na manhã do dia 25 de agosto de 1954 eu estava na aula de Educação Física na quadra do colégio, quando, em dado momento, veio um servente e falou alguma coisa para o professor, que era o Júlio Mazzei (ele foi técnico de futebol do Palmeiras e do Santos). O professor deixou a turma e seguiu com o servente para a secretaria; voltando ele falou com a turma nestes termos: "Voltem para suas casas, a aula de hoje terminou. Também à tarde não haverá aula hoje nem amanhã. Hoje é um grande dia para o Brasil, o Presidente acaba de se suicidar". O Júlio Mazzei devia ser partidário da UDN (União Democrática Nacional), partido liderado por Carlos Lacerda que fazia severa oposição ao governo de Getúlio Vargas.

Dona Fanny Marracini, professora de francês do Colégio Estadual, retornou em 1956 de uma longa temporada na França, onde esteve com bolsa de estudos. Veio animadíssima e até adotou para nós do curso ginasial um livro editado na França e que a Livraria São Bento teve que importar (o nome era, se não me engano, *Cours de Français*, da Livraria Hachette). Nas aulas ela falava francês e era um tal de *Oui monsieur, non monsieur, c' est compris?* Tão entusiasmada que decidiu montar um espetáculo cultural no Teatro Municipal e nesse espetáculo os alunos do Colégio Estadual foram os protagonistas: cantaram, declamaram poesias e apresentaram uma peça teatral - O Lobo e o Cordeiro -, tudo em francês. Quem fez o lobo foi o Américo Aguiar Borges que ficou com o apelido de Lobo por muito tempo. Não lembro quem fez o cordeiro. O Ruy Araújo, um aluno grandão, foi escolhido para ser o condutor do espetáculo. O papel dele era chegar à frente do palco e bater com um cajado no chão e anunciar a próxima atração. Quando foi anunciar a abertura da noite, o Ruy chegou muito perto da borda do palco e o cajado passou por fora; ele então recuou um pouco e bateu novamente o cajado e pum! Estourou uma lâmpada do palco. A plateia caiu na risada e o espetáculo virou comédia accidental.

Algumas pessoas traziam radinho portátil quando vinham ao Centro. Eu e uma turma de amigos ouvimos a transmissão do jogo entre Brasil e Suécia, final da Copa do Mundo de 1958, num radinho *Spika* e sentados nos degraus da entrada do Cine Odeon.

Naqueles dias que se seguiram à renúncia de Jânio Quadros (PTN) à Presidência da República (25 de agosto de 1961) e até a posse de João Goulart, o país passou momentos agitados porque os ministros das Forças Armadas vetavam a posse de Goulart. Leonel

Brizola, então governador do Rio Grande do Sul (PTB) e o comandante do Terceiro Exército, General José Machado Lopes, lideraram a Campanha da Legalidade e garantiam a posse de Goulart, que estava em Pequim, se ele retornasse via Porto Alegre. Então as rádios gaúchas criaram uma cadeia e passaram a transmitir diretamente do Palácio do Governo em Porto Alegre, no que ficou conhecido como Cadeia da Legalidade e teve adesão de outras rádios em todo o país. Então naqueles dias as pessoas que traziam radinho sintonizavam alguma rádio da Cadeia da Legalidade e ficavam ouvindo as notícias. Aconteceu então que um sujeito que estava com o radinho colado ao ouvido falou: “Gente, o Brizola foi alvejado!”, e o pessoal por perto se aproximou para saber detalhes; o sujeito então falou: “Deram um banho de Rinso nele” (Rinso era a marca de um sabão em pó bastante popular na época).

Aos domingos íamos aos jogos da Ferroviária no Estádio Adhemar de Barros, hoje é a Arena da Fonte. Após o jogo descíamos ao Centro com a garganta seca por causa do calor e dos gritos de torcida e, para saciar a sede, tomávamos um “maracanã”, que era um chope servido em copo de 500ml, no Bar Central (às vezes tomávamos até dois). Daí íamos para casa, nos arrumávamos, voltávamos ao Centro para o *footing*, **porque era ali que a vida acontecia...**

Para Finalizar...

E lá se vão quase 70 anos. A vida aconteceu entre ruas, escolas, cinemas, teatros, bares, “maracanãs”... E se era ali que a vida acontecia hoje a realidade é outra. O tempo passou, a cidade cresceu e se transformou. As pessoas, lugares, os fatos que povoam minhas memórias ficaram realmente na memória. Memórias que, neste trabalho permitiram-me reconstituir parte de um tempo, de uma história importante para a cidade, mas principalmente para homens, mulheres, crianças, enfim gente que viveu esse tempo.

Hoje a população de Araraquara passa dos 240 mil habitantes e dos distritos que existiam em 1950 só restou Bueno de Andrada, antes terra do café, hoje das coxinhas douradas.¹⁰ Os demais foram emancipados e têm atualmente vida independente, autonomia administrativa. De tudo que existia no Centro e que ainda está em funcionamento restou o Hotel Municipal, sem, contudo, contar com o Bar Municipal que era acoplado ao hotel. A Prefeitura Municipal funciona no prédio que foi construído no espaço antes ocupado pelo antigo Teatro. Os prédios do antigo Colégio Estadual, do Clube Araraquarense estão lá, mas hoje ocupados por repartições públicas (Casa de Cultura e Secretaria de Cultura).

O movimento de pessoas foi substituído pelo movimento de veículos; não havendo pessoas não há clubes, nem bares e os cinemas migraram das ruas para os *shoppings center*. Quem vem ao Centro durante o dia, na maioria das vezes, são pessoas que vêm

¹⁰ No Distrito de Bueno de Andrada, em uma lanchonete da família Freitas, se produz as famosas coxinhas douradas. O distrito é hoje ponto de turismo gastronômico da cidade e parada necessária para quem por aí passa, especialmente ciclistas e motociclistas em passeios ou exercícios aos domingos e feriados.

resolver assuntos junto à Prefeitura ou algum outro órgão que permaneceu nas imediações, cartórios, por exemplo, ou fazer alguma compra no comércio, que, aliás também já não é mais o mesmo. O trabalho dos bancos, com amplas movimentações financeiras, e que atraía multidões, em grande parte foi substituído por caixas eletrônicos que eliminam o contato pessoal com a pessoa do caixa e outros trabalhadores bancários. Hoje a paisagem do Centro é outra. As lojas com suas belas vitrines foram substituídas por lojas que comercializam mercadorias diversas, variadas, muitas fabricadas em países orientais. O glamour das vitrines com roupas de grife cedeu lugar para as araras das lojas populares e nas esquinas pode-se observar vendedores ambulantes, com suas carriolas vendendo frutas de época.

À noite o local é um deserto, todo o movimento do Centro cedeu lugar a um vazio silencioso, onde não se observa vida. A cidade experimenta uma nova centralidade no eixo das Avenidas Bento de Abreu – Napoleão Selmi Dei, região norte, onde já está o novo Teatro Municipal, algumas agências bancárias e também alguns bares, cafés, restaurantes e pizzarias onde pessoas se encontram, conversam, comem, bebem, sem tirar os olhos das telas dos celulares.

São os novos tempos, novos corredores comerciais, novos espaços de negócios. Aquele local que foi um importante lugar da vida econômica, política e da sociabilidade araraquarense, onde as pessoas se encontravam e conversavam e as moças e moços passeavam no *footing*, não se transferiu nem mudou para outro lugar, apenas desapareceu.

Referências

ALMEIDA, Nelson Martins de. **Álbum de Araraquara**. organização e edição de Nelson Martins de Almeida, composto e impresso pela empresa "O Papel", 1948

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 18ª ed. Companhia das Letras: São Paulo, 1994.

COIMBRA, Gláycia Rocha dos Santos. **Cemitérios rurais e rituais de morte na região de barro alto no sertão da Bahia – séculos XX e XXI**. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), 2021.

COSTA, Luiz Flavio de Carvalho. **Fotografia e Memória em Araraquara**. Cultura Acadêmica Editora, 2015.

FRANÇA, Antônio M. (organizador). **Álbum de Araraquara - 1915**. João Silveira, Editor: Araraquara (SP), 1915.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. Centauro Editora: São Paulo, 2003. 224 p.

TELAROLLI, Rodolpho. **Para uma história de Araraquara – (1800 - 2000)** - Araraquara/SP - UNESP/FCL/Laboratório Editorial - 2003.